



Aprenda a Gostar de Música

Não é preciso abordar a música séria com tão reverente solenidade. Ela foi composta para ser apreciada!

George R. Marek

SÔBRE NENHUM outro assunto, excetuado o sexo, se têm escrito mais tolices, em todo o mundo, do que sôbre a música, notadamente sôbre a música clássica. De tal modo os críticos a têm envolvido em mito, superstição, tabú, lenda e ritual, que para o amador ela se vai tornando cada vez mais difícil de apreciar.

E, no entanto, a verdade pura e simples é que ninguém jamais se sentou ao piano para compor música "clássica". Os grandes músicos compuseram apenas pelo prazer de compor, para ganhar dinheiro, pelo brilho dos olhos de uma môça vienense, para agradar a um rico ben-

feitor ou para a maior glória de Deus. Só muito tempo depois de pessoas comuns a terem dançado, cantado ou escutado reverentes na igreja, tendo nos ouvidos a sua cadência, ela recebeu a qualificação proibitiva de "clássica". Mais tarde os eruditos da música se apossaram dela, anotaram-na, codificaram-na, enchendo-a de notas ao pé da página, a ponto de o que fôra produzido com alegria só poder ser ouvido com pompa e devoção.

E assim é que a maioria dos mortais se priva hoje da oportunidade de apreciar naturalmente a grande música, como faziam os seus primeiros ouvintes. Colocamo-nos di-

ante de uma ópera como *A Flauta Mágica*, de Mozart, como se ela fôsse um escrínio sagrado—esquecendo-nos de que Mozart a compôs como atração para um cabaré.

Quando Giuseppe Verdi compôs a sua ópera *Il Rigoletto*, tinha tanta experiência de espetáculos musicais que não duvidou que uma determinada canção faria sucesso imediato. Por isso, para impedir que os gondoleiros venezianos a popularizassem prematuramente, não consentiu que as páginas da partitura que continha *La Donna è Mobile* fôsem distribuídas aos músicos da orquestra antes do ensaio geral.

Verdi estava certo. A estréia foi na noite de 11 de março de 1851. No dia seguinte *La Donna è Mobile* já estava sendo cantada e trauteada em tôda a Veneza, e ao fim de uma semana em tôda a Itália. Mas continua sendo o que o seu criador desde o princípio quis que ela fôsse: uma canção alegre e rítmica, para o ouvido de pessoas amantes de melodia.

Porque assumimos hoje essa atitude respeitosa, muitas vêzes esquecemos que os que agora são chamados “clássicos” ou “imortais” também foram humanos, e é provável que percamos a exuberância de sua música. Um amigo meu, que acabara de descobrir o profundo encanto de Johann Sebastian Bach, dizia-me outro dia:

—Eu sempre tive medo dêle. Pensei que fôsse um monge. Depois vim a saber que teve 20 filhos.

Eis outra razão pela qual tantas pessoas inteligentes e dotadas de sensibilidade fogem de um concêrto, negam a si mesmas Debussy e afastam Wagner com um gesto:

—Eu gosto de música, mas não entendo nada.

Meditemos neste paradoxo: a música é ao mesmo tempo uma experiência intelectual, no sentido de que quanto mais a compreendermos mais a admiraremos, e uma experiência emotiva no sentido de que poderemos reagir a ela, ser transportados por ela, apreciá-la intensamente, sem que a compreendamos. Você não sabe o que é uma fuga? Não é capaz de distinguir um oboé de uma clarineta? É incapaz de entoar uma melodia? Nada disso tem importância. É muito mais importante *sentir* a música do que entendê-la.

Ou talvez a dificuldade esteja em simplesmente não ouvir a música. Você vai a um concêrto, acomoda-se na sua poltrona e durante os primeiros minutos ouve com prazer. Mas seus olhos começam a vaguear. Aquela môça três filas à frente... parece aquela sua antiga namorada. De repente você se desligou da música.

Alguns recursos simples poderão ajudá-lo a sintonizar o ouvido com a música para ouvi-la com atenção e prazer.

Ouçã partes de uma obra. Ouçã concentradamente o máximo da composição que você puder assimilar. Entregue-se à música, como dizem

que o fazem os ouvintes apaixonados do *jazz*. Sinta o ritmo, o movimento e o clímax. Deixe que os sons lhe despertem uma sensação de alegria ou contentamento, ânimo ou tristeza, sem analisá-la.

Ouçã as grandes passagens. Quase tôda a composição musical tem momentos em que é exposta a melodia principal, ou em que a mágoa extravasa, ou em que, ao contrário, o céu parece abrir-se para dêle descer um violino trazendo paz à Terra. Entre essas passagens ficam as reflexões menos perceptíveis do autor, a fragmentação do tema. Você talvez deva primeiro atravessar êsses intervalos e concentrar-se nos momentos culminantes.

Ouçã repetidamente a mesma música. Na estréia de uma ópera composta por um rival, Rossini conservou-se de cartola sòlidamente enterrada na cabeça. De vez em quando, à medida que a música se desenrolava, levava a mão à cartola e tirava-a da cabeça. Como lhe pedissem a razão de tal excentricidade, respondeu brandamente:

—Cumprimentar velhos conhecidos é apenas uma questão de polidez.

Na música, como na vida, é não só polido, mas também salutar render homenagem aos velhos amigos. A característica das peças musicais conhecidas, como a dos amigos, é serem sempre agradáveis. Sendo assim, não ouça música desinteressadamente, provando dêste nôvo prato, engolindo aquêle. Para começar, seja exclusivista nas suas no-

vas relações. Ouça uma determinada música uma porção de vêzes.

Isole a melodia. Uma obra musical decompõe-se em vários elementos: melodia, ritmo, harmonia, forma, etc. A melodia é o elemento a que as pessoas em geral reagem mais prontamente. Pegue a principal melodia de uma obra e acompanhe-a através de sejam quais forem as aventuras que aconteçam a ela . . . e a você mesmo. Procure também identificar o ritmo, sentir-se como que empolgado por seu movimento.

Escolha, a princípio, músicas que contem uma história. Muitas músicas não contam nada, mas algumas sugerem pelo menos um ambiente ou um estado de espírito. Em *L'après-midi d'un faune*, de Debussy, *Abertura Sonho de uma Noite de Verão*, de Mendelssohn, *Romeu e Julieta*, de Tchaikovsky, *Abertura Festival Acadêmico*, de Brahms, *Moldávia*, de Smetana, *Os Pinheiros de Roma*, de Respighi—os próprios títulos ajudam.

Prefira música romântica. Evidentemente seria absurdo predizer de que espécie de música você gostará. Contudo, creio que as obras arrebatadoras, de exuberante dramaticidade e rica orquestração, produzidas pelos grandes compositores do século XIX, terão mais probabilidade de agradar imediatamente. Há aqui uma grande riqueza musical—Beethoven, Tchaikovsky, Verdi, Wagner, Schubert, Chopin, Berlioz, Puccini, prosseguindo com compositores românticos do século XX,

como Richard Strauss, Mahler e Rachmaninoff. Quero crer que, de início, você achará essa música mais acessível do que a de Mozart ou Haydn, Handel, Bach ou Scarlatti, a que mais tardê poderá dar valor.

Viva de acôrdo com as suas convicções. A música séria é simplesmente música que veio a ser apreciada igualmente por críticos e por ouvintes comuns. Tenho minhas dúvidas sôbre uma obra que agrade principalmente a ouvidos profissionais. Trate, pois, de ser honesto consigo mesmo. Se não gostar de uma "grande" obra, é porque para você ela não chega a ser verdadeiramente grande. Não agora; talvez amanhã.

Escolha o artista que você achar emocionante. A música não passa de notas num papel, enquanto não nos é comunicada pessoalmente por um artista. Confie no seu próprio julgamento, independente dos críticos. Depois de um concêrto recente do pianista russo Sviatoslav Richter, dois críticos esclarecidos assim se manifestaram:

Do *Times* de Nova York:

Foi uma noite de decepção. Esperava-se mais técnica e refinamento musical. Pela incessante experimentação nos andamentos, a obra pareceu desconexa.

Do *Herald Tribune* de Nova York:

A execução com brilho de 2.000 velas que nos proporcionou o Thor

soviético do piano incandesceu ao rubro dois velhos concertos para piano, já um tanto surrados, e eletrizou até ao delírio uma platéia que usa mais as mãos para reprimir bocejos do que para aplaudir músicos.

Se tivesse estado lá naquela noite, certamente você teria chegado também às suas próprias conclusões.

Ouçã com o espírito aberto. Há pessoas que conservam um ar solene nos salões de concertos, até mesmo quando a música que estão ouvindo é alegre e ligeira. Semelhante gravidade não denota muito boas relações entre o ouvinte e a música. Ouça-a despreocupadamente, sem qualquer preconceito. "O que você possa achar de uma produção musical qualquer será assunto exclusivamente seu, contanto que ela tenha efectivamente algum significado para você", escreveu o crítico e compositor Deems Taylor.

A música desconhece limites de idade ou idioma; é um prazer tão fácil de experimentar aos 70 como aos 17 anos. De sorte que tôda a paciência que você empregar nas primeiras tentativas será duradouramente recompensada. Quando chegar o dia em que você, após ter ouvido uma sinfonia de Beethoven, sentir o que sentiu uma poetisa, ao escrever: "Êste é o momento mais grandioso que o mundo pode proporcionar", então você será um amante da música.

